



---

**TERCEIRO DOMINGO DA QUARESMA  
(14/03/2004)**

**1ª leitura (Antigo Testamento) – Êxodo 3:1-15**

Êxodo 3 apresenta uma verdadeira costura inclusiva da diversidade israelita. O lugar da revelação é extra-palestinense (fora da “*Terra Santa Prometida*”) em Madiã. O lugar (chamado aqui de Horebe e não de Sinai) é marcado pela atividade de um sacerdote que não está diretamente vinculado ao povo escravizado no Egito. No versículo 5 esta terra é elevada ao status de “*terra santa*” (*‘ademat-qodesh*). Portanto, já nos primeiros cinco versículos, é incluída na teologia israelita uma nova tradição religiosa não ligada às figuras paternas (Abraão, Isaque e Jacó) tendo Javé como “*Deus da montanha*” (cf. Êx 3:1).

O versículo 6 abre um novo momento, que fechará depois no versículo 15. A nova tradição javista é harmonizada com as tradições das divindades paternas. No versículo 6 Deus assume a tríplice identidade de “*Deus (‘elohi) de Abraão, Deus (‘elohi) de Isaque e Deus (‘elohi) de Jacó*” que é repetida no versículo 15 com o acréscimo “*Yahweh*” ou Javé. A inclusão reconhece a divindade de cada pai, sem excluir nenhuma, sem dizer que o Deus de Abraão foi o mesmo adorado por Isaque e Jacó.

A inclusão da(s) divindade(s) paterna(s) é mediada pela situação vivida pelo povo no Egito e o caráter libertador de Deus (cf. v.7- 10). No bojo deste esforço inclusivo é colocada novamente a menção à divindade da montanha no versículo 11: “*servirás Deus sobre esta montanha*”. A inclusão não exclui nenhuma tradição. O Deus do Horebe/Sinai não ficou para trás superado pela divindade paterna ou pela teologia do Deus Libertador, mas soma-se a elas e permanece com um elemento orientador.

Os versículos 13 a 15 são marcados pela pergunta retórica de Moisés: “*Qual é seu nome?*” (v.13). O sentido da pergunta é trabalhar o caráter de Deus, isto é, revelar o seu nome que mentalidade oriental antiga não tinha apenas um caráter onomástico (denominativo), mas ontológico (revelando a natureza particular do ser divino ou humano).

Há muitas versões de como deveria ser traduzida a expressão: “*‘eheieh ‘esher eheieh’*” (v.14). Carlos Mesters essa expressão deveria ser entendida como: “*eu tô que tô*”. Severino Croatto entende que a tradução correta seria “*eu sou aquele da experiência*”. Ambas, entre outras tantas, atentam para o



fato de que o significado do verbo "*haiah*" (ser, estar, acontecer) vai além da existência, mas aponta para a participação histórica. Esta divindade libertadora é Deus "Em" e não "Além".

Êx 3 é o centro da revelação do Êxodo e possivelmente de todo o Pentateuco e reúne duas características: a revelação na histórica e a inclusividade teológica. (HMG)

### 2ª leitura (Epístola) – I Coríntios 10.1-13

Quando eu penso em vitória certa, imediatamente lembro da seleção brasileira de 82, que tinha tudo para ganhar, mas perdeu. Lembro também da final da copa da França. Lá assistimos algo parecido, com a diferença de que, desta vez, o Brasil sequer entrou em campo. Ele perdeu mesmo antes de entrar em campo.

No texto da Epístola de hoje, Paulo usa uma série de exemplos para falar da vida cristã e da caminhada da Igreja. Para fazer isso – basta ver os versos anteriores – ele utiliza vários exemplos, e um deles nos vem do esporte. Se quisermos, enquanto Igreja, alcançar a coroa incorruptível, temos que correr esta vida cristã como quem tem uma meta e como quem disciplina seu próprio corpo (9.25-27). Para exemplificar isto ele se serve também do exemplo do povo de Israel no Antigo Testamento. Vamos fazer uma junção dos dois exemplos, hoje, e meditar sobre as exigências para quem deseja correr a corrida cristã. Esta corrida, segundo Paulo, possui pelo menos três exigências.

Em primeiro lugar, no reconhecimento de nossa capacidade. Vejamos o exemplo de Israel. Estiveram sob a nuvem (10.1) o que significa proteção; passaram pelo mar (10:1) o que significa livramento; comeram o manjar (10.3) o que nos fala do sustento de Deus; beberam da água (10.4), o que aponta para o cuidado de Deus para com seu povo em meio ao deserto. Nossa realidade enquanto Igreja também é privilegiada. Também experimentamos o livramento de Deus em vários momentos da história e também fomos alvo do sustento misericordioso de Deus; também fomos alimentados por ele e fomos batizados no Espírito Santo, formando um corpo. Mas devemos nos lembrar que, de todos os Israelitas que assistiram e foram alvo da ação misericordiosa de Deus no deserto, somente dois entraram na terra prometida. De nada adiantou toda a graça recebida, pois eles se perderam pelo caminho e morreram.

Em segundo lugar, na identificação dos obstáculos. Quais foram os obstáculos que se apresentaram diante dos israelitas, e que acabaram por se tornarem empecilhos para que eles atingissem a terra prometida? Paulo cita



alguns neste texto. E, tentando evitar que a Igreja cometa os mesmos erros, ele instrui aos coríntios para que, em primeiro lugar, não se tornem ídólatras (10.7). Quando colocamos qualquer coisa entre nós e Deus, estamos dando o primeiro passo para que a nau da Igreja naufrague. Uma outra instrução de Paulo é para que os coríntios não pratiquem a imoralidade (10.8), ou seja, não prostituam seus valores com os valores da terra na qual estão. A prostituição conceitual é o segundo passo para a morte de uma Igreja. Em terceiro lugar, está a observação para que os cristãos não coloquem o Senhor à prova. Para Paulo somente a dúvida e a incredulidade podem levar à desconfiança. Uma Igreja que não crê é uma contradição em termos. Este é terceiro passo para a derrocada. O quarto item da palavra de Paulo tem a ver com a murmuração (10.10). O murmúrio é sinal de insatisfação e ingratidão. A Igreja precisa guardar sua autodisciplina e abandonar a ingratidão, para poder atingir seu alvo.

Em terceiro lugar, a reafirmação da confiança em Deus. E isto deve acontecer, porque nada podemos em nós mesmos (10.12). Ou seja, somente nele seremos vitoriosos. Devemos reafirmar nossa confiança em Deus também porque Ele não permite que sejamos tentados além de nossas forças (10.13), e também, porque ele mesmo dá o livramento (10.13). Isto significa que nossa confiança não deve ser posta em nossa capacidade, mas no autor e consumidor de nossa fé. Quando a Igreja reconhece que a única saída está no Senhor da Igreja e se permite dirigir por Ele, então a salvação se aproxima de nós.

De textos como II Tm 4:7-8 entendemos que homens como Paulo, alcançaram a coroa da glória. Mas o que nos entristece é saber que muitos que começaram o bom combate se perderam pelo caminho. E isto ocorreu, em grande parte, porque não souberam aprender com o exemplo de Israel. (JLFA)

### **Santo Evangelho: Lucas 13.1-9**

Como é comum em São Lucas o fato de recolher retalhos de narrativas a fim de compilar seu Evangelho, este texto é composto de duas partes: vs. 1 a 5 – notícia de dois acidentes, e vs. 6 a 9 – uma parábola, que o autor evangélico agrega para corroborar sua mensagem e fechar o texto com chave de ouro, na intenção de que seus leitores reconheçam em Jesus o “Filho do Homem” que veio buscar e salvar todos os pecadores.

Dois acidentes (vs.1 a 5): a notícia destes dois incidentes ainda está envolta em mistério. É material exclusivo do texto lucano, provavelmente recolhido das conversas de domínio público, portanto resultado de sua acurada investigação e pesquisa, e encaixados no contexto dos acontecimentos da subida de Jesus para Jerusalém como pré-anunciando o que estava por vir. Por



outro lado, como bem sabemos das lições da história mundial em geral, a lei e a ordem nos territórios e países ocupados sempre são mantidas a “ferro e fogo” e, particularmente neste tempo, sabemos que havia muitos focos de resistência à ocupação romana eclodindo conflitos e confrontos em diferentes partes do Império. Sabemos que Pilatos não fugia à regra e que, para manter-se no poder, não hesitava em utilizar suas tropas para reprimir brutal e sanguinariamente qualquer manifestação, particularmente aquelas de cunho popular-religioso, como já havia feito alguns anos antes quando ordenou o massacre de samaritanos no Monte Garizim, acusando-os de complô. Este e outros fatos semelhantes acabaram por resultar no exílio de Pilatos para as Gálias (cf. relata Flávio Josefo na sua obra Antiquidades Judaicas 18,4,1).

A “Pax Romana”, orgulho do Império e de seus famosos e truculentos imperadores, não era fruto da prosperidade político-econômica, da justiça e da fraternidade, da abundante produção de alimentos ou da democracia social e cidadã. Ao contrário, a elite dominante (senadores e comerciantes) com seus vassalos exércitos e corja de beneficiados locais, dominava o império e controlavam as fronteiras com todo o requinte de crueldade e espoliação possíveis e inimagináveis.

A morte dos galileus (vs. 1 a 3): não sabemos exatamente de que se tratava este fato referido por São Lucas, mas provavelmente era um grupo de homens que tinham subido para Jerusalém para oferecer sacrifícios no templo (provavelmente no tempo da Páscoa, pois era a única ocasião em que os israelitas não-sacerdotes podiam oferecer sacrifícios). Igualmente, a notícia dos “dezoito” não tem registro na história e nem o acidente da torre (que talvez fizesse parte do muro sul-oriental de Jerusalém). Entretanto, o aqueduto (com mais de 550 m) e o Tanque de Siloé mandados escavar na rocha pelo rei Ezequias (II Rs 20,20) para recolher água desde a fonte do Gihon (visando a abastecer Jerusalém ante a invasão dos assírios em 722 aC), é uma impressionante obra de engenharia cujos restos arqueológicos perduram até hoje. Biblicamente sabemos (e está gravado no “inconsciente coletivo”) a partir dos relatos vetero-testamentário” que a morte era o resultado do castigo e/ou da punição por algum pecado (Gn 19; Jo 9,2ss). São Lucas aproveita tais acidentes para rediscutir o assunto sob a “nova compreensão” de Jesus ao deixar claro que “todos são igualmente pecadores e que ninguém está livre de sofrer algum acidente que culmine inclusive com a morte” (vs. 4b e 5). Por isso, apesar da “ameaça de Jesus” (registrada por Lucas) poder se referir à terrível carnificina dos judeus comandada por Tito no cerco e conseqüente destruição de Jerusalém (ocorrida em 70 aD), na verdade Ele estava aludindo à desgraça que se expõe todo o pecador que se faz surdo aos apelos do arrependimento, da penitência e da conversão a um novo estilo de vida por se achar imune à morte ao não se considerar pecador.



A parábola da figueira (v. 6 a 9): esta narração lembra a da “figueira estéril” em São Marcos 11,12-14, mas ao que parece, não é um texto sinótico. Esta comparação poderia muito bem ser intitulada de parábola da última chance ou parábola da misericórdia, pelo fato da grande complacência e admirável benevolência do dono da plantação. Em termos hermenêuticos, podemos entender que a vinha simboliza o “povo eleito” (Israel) e a figueira “o novo Israel” (a Igreja). O “dono da vinha” (Deus) a entrega aos cuidados do agricultor (Cristo) que, ao vir colher os figos (pelo terceiro ano consecutivo) que deveriam ser produzidos por seus seguidores (o “povo da nova aliança”), não os encontra e manda cortá-la, pois esta além de não produzir frutos está ocupando o terreno e esgotando a terra. Esses três anos podem ser uma alusão ao tempo do ministério de Jesus que, mesmo ao concluir seu trabalho (anunciar que o Reino já chegou) não esgota os limites da “paciência de Deus” porque “Sua misericórdia dura para sempre” (refrão do Salmo 136, traduzido no LOC por “Sua bondade subsiste para sempre”, pág. 390).

Muito além dos elaborados ritos religiosos e das belas liturgias sacramentais (de que nossa Igreja também é herdeira e fiel depositária), o verdadeiro Evangelho se “autoproclama” através dos frutos que a comunidade eclesial produz e distribui a todas as pessoas como sinal lúcido e transparente de sua verdadeira vocação e consciência diaconal. Apesar de confiarmos na infinita misericórdia de Deus, não precisamos esperar que Ele chegue ao extremo de “cortar a nossa figueira infrutífera”, basta que aproveitemos a nova chance que Jesus nos dá hoje.

**Desafio quaresmal:** produzir algum fruto que seja agradável a Deus e demonstre meu (ou nosso) profundo reconhecimento pela Sua misericórdia por mim (ou por nós), mas que este fruto possa ser colhido e saboreado pelas pessoas que desejarem. Ao mesmo tempo, devemos nos empenhar para que este gesto possa levá-las a igualmente reconhecer o imenso Amor de Jesus Cristo por elas e, assim procedendo, desafiá-las a repetir este gesto indefinidamente (e assim por diante, de pessoa para pessoa... infinitamente). (RH).